

O PERIGO DA TECNOLOGIA THE DANGER OF TECHNOLOGY

*Rafael da Silva Paes Henriques**

Vitória (ES), vol. 2, n. 2
Agosto 2013

SOFIA
Versão eletrônica

* Doutor em filosofia pela UFRJ e professor do Departamento de Comunicação da UFES
/rafaelpaesh@gmail.com

Resumo: Os diversos dispositivos e ferramentas tecnológicas estão tão perto e tão presentes em nosso dia-a-dia que é muito fácil se perder em análises que se limitam a defender ou condenar o uso desses instrumentos. Heidegger procura superar essa falsa dicotomia ao determinar filosoficamente a Essência [Wesen] da técnica moderna. Para o filósofo, a tecnologia é um modo de ser que pré-põe o real, na perspectiva do controle, do apoderamento e da previsão dos resultados. Nesse sentido, o autor denuncia um risco na crescente onipresença da tecnologia na experiência contemporânea. O perigo é que o modo de ser da técnica moderna tende a ser concebido, não apenas como uma das possibilidades de descobrimento do real, mas como a única maneira necessária ou mesmo possível de desvelamento dos entes e de produção da verdade.

Palavras-Chave: Heidegger; Tecnologia; Gestell.

Abstract: The many apparatus and technological tools are so close and so present in our everyday lives that it becomes easy to get lost in analysis that merely support or condemn the use of such instruments. Heidegger aims to overcome such fake dichotomy by philosophically determining the Being [Wesen] of modern technique. To the philosopher, technology is a mode of being that pre-poses the real, in the perspective of control, of empowerment, and of predicting results. In that sense, the author denounces a threat behind the growing omnipresence of technology in contemporary experience: that of the mode of being of modern technique being conceived not only as one among many possibilities of uncovering the real, but rather as the only necessary or even possible way of unveiling the being and of production of the truth.

Keywords: Heidegger; Technology; Gestell.

INTRODUÇÃO

Os sinais estão por todos os lados e evidenciam o ponto em que estamos. A crescente hegemonia e valorização da tecnologia são cada vez mais visíveis, se manifestando em todas as esferas da experiência contemporânea. Até mesmo o progresso da ciência se apresenta como algo que depende intimamente dos avanços da tecnologia. Isso quer dizer que ciência e técnica vivem, neste princípio de século XXI, uma relação de interdependência nunca antes experimentada. E há ainda um aspecto bastante sintomático de nossa época: quanto mais aplicada é a investigação e quanto mais indispensáveis são as ferramentas e instrumentos tecnológicos para a sua realização, mais valorizada e importante, mais “de ponta” ela se torna. É o caso das pesquisas em nanotecnologia, neurociências e em cibernética, por exemplo. Como consequência desse parâmetro, em nosso tempo, a tecnologia é a melhor régua, a medida mais certa e segura para a determinação da realidade do real.

Toda e qualquer atividade, mesmo as mais simples, hoje são executadas através de aparelhos e dispositivos tecnológicos. São poucas as tarefas que, atualmente, não

fazem uso de máquinas e aparelhos técnicos, sendo o computador a principal ferramenta de trabalho para uma infinidade de profissões. Isso porque, na era da técnica, o computador é a máquina das máquinas.

Computador é justamente o dispositivo capaz de computar, isto é, de contar, calcular a realidade de maneira precisa. É interessante notar que em espanhol e francês, duas outras línguas neolatinas, computador é ordenador e que, apesar da diferença, a palavra está apontando exatamente para a execução da mesma função. Computar é enumerar, calcular, mas é também determinar antecipadamente, ou seja, é aquilo com o que conto, no sentido de ser *o* que posso contar previamente. E ordenador significa o aparelho que põe em ordem, que organiza, isto é, é a ferramenta desde a qual se estrutura tudo, por antecipação e a partir de uma orientação prévia.

Os instrumentos tecnológicos, cujo modelo paradigmático é o computador/ordenador, estão sempre nos convocando a realizar as mais variadas atividades. Só que a urgência de se pensar verdadeiramente a tecnologia e a sua crescente onipresença não torna a tarefa mais simples ou evidente, mas o contrário. Seja no âmbito da informação, do consumo, da comunicação, do entretenimento, da arte, da ciência ou do trabalho, todos os afazeres, que se medem desde a medida das máquinas e aparelhos tecnológicos, parecem nos requisitar sempre do mesmo modo e desde a mesma medida. Resta saber que encaminhamento é esse, qual é o modo de ser da tecnologia?

Os diversos dispositivos e ferramentas tecnológicas estão tão perto e tão presentes em nosso dia-a-dia que é muito fácil se perder em análises que se limitam a defender ou condenar o uso desses instrumentos. De um lado, a tecnologia é compreendida como um mal a se evitar, uma vez que é fonte para a alienação e a escravização do homem, pela máquina: é a tecnofobia em seu grau mais extremo, que enxerga nos aparelhos técnicos a fonte de todos os nossos problemas. Em uma outra perspectiva de análise, os dispositivos tecnológicos são instrumentos libertadores do homem, já que são capazes de aliviar os fardos de nossa existência, reduzindo o trabalho e o sofrimento, aumentando o bem-estar e até mesmo expandindo os horizontes da vida humana. Tem-se, assim, a tecnofilia caracterizada por uma intensa apologia da máquina.

O esforço da investigação deve ser o de superar essa falsa dicotomia. Na verdade, tanto um, como outro viés, olham para as diversas manifestações da técnica moderna na preocupação de sua dominação e controle pelo homem. Dessa maneira, até mesmo essas duas perspectivas de análise já são o resultado do modo de funcionamento da tecnologia. São horizontes técnicos, isto é, compreensões da tecnologia que já operam desde o encaminhamento da técnica. Ao invés de olhar para as ferramentas e suas aplicações, no horizonte do seu apoderamento, o esforço da investigação deve ser o de refletir sobre a tecnologia, buscar a medida de sua ação, ou seja:

[...] pensar o sentido do acontecimento subjacente à nossa era técnica: o fenômeno da dominação da máquina ou da mecanização sistemática da vida. Na promoção e intensificação deste processo vai se realizando, isto é, se essencializando, a era técnica ou tecnicismo contemporâneo, o qual se faz e se estrutura como tecnologia (FOGEL, 1998, p. 92).

Somente nesse encaminhamento, a tecnologia pode se revelar em seu modo próprio de ser. Já indicamos que, apesar de suas mais variadas aplicações, a tecnologia trabalha sempre desde uma espécie de “padrão”, nos convoca de um certo modo. O

modelo computar/ordenar evoca e coloca em funcionamento um certo ser/agir. É exatamente na promoção e intensificação dessa mesma origem que surge a estranha, fascinante e perturbadora força da técnica moderna.

Esse modo de desencobrimento do real se impõe, na atualidade, como um destino irrevogável que atinge as mais diversas e variadas esferas da existência, solapando tudo aquilo que encontra pela frente. O vigor e modo de ser da técnica moderna, antes restrito ao Ocidente, alcançaram já há algum tempo uma escala planetária, chegando ao ponto de se apresentar, e de ser compreendido, por muitos, como o único modo possível de desvelamento dos entes. É exatamente esse o perigo da tecnologia apontado por Martin Heidegger.

A ESSÊNCIA DA TECNOLOGIA

Em primeiro lugar é preciso esclarecer que o alerta de Heidegger não tem nada a ver com tecnofobia. O autor nem de longe propõe que a solução para o perigo que a técnica moderna e seu encaminhamento representam seria a proibição do uso dos dispositivos tecnológicos. Até porque a ameaça apontada pelo filósofo não se encontra nas máquinas e produtos técnicos. Heidegger procura investigar a Essência da tecnologia, seu modo de funcionamento, sua origem e seu encaminhamento. A ideia é encontrar na evolução do pensamento filosófico-científico as bases e fundamentações, isto é, o encaminhamento a partir do qual a tecnologia passou a ocupar o lugar de melhor e mais adequada medida de tudo aquilo que existe.

Propondo um uso completamente inusitado de um termo alemão, Heidegger afirma que a Essência [Wesen] da tecnologia é Gestell (composição). De acordo com o uso comum da palavra, Gestell significa esqueleto, no sentido de armação. Mas também se aplica a toda espécie de montagem utilitária como uma estante de livros, um cavalete, um chassi ou prateleiras. Nesse seu uso vernacular, a palavra quer dizer uma espécie de estrutura, que dá sustentação, que suporta alguma coisa. O termo Gestell é convocado para designar o modo de ser da técnica justamente porque aponta para uma certa organização/disposição, para uma espécie de armação prévia.

Com-posição, “*Gestell*”, significa a força de reunião daquele por que põe, ou seja, que desafia o homem a des-encobrir o real no modo da dis-posição, como disponibilidade. Com-posição (*Gestell*) denomina, portanto, o tipo de desencobrimento que rege a técnica moderna mas que, em si mesmo não é nada de técnico (HEIDEGGER, 2010a, p. 24).

Gestell é um termo que pode ser dividido em duas partes. Em alemão, o prefixo *Ge* significa uma força originária de reunião, como nas palavras *Gebirg* (cordilheira) e *Gemüt* (ânimo). A segunda parte da palavra tem origem no verbo *stellen* (pôr). Sendo assim, a simples análise da origem de *Gestell*, enquanto termo, já nos revela bastante coisa sobre as razões de seu emprego, por Heidegger. Avançaremos nesse entendimento, ao analisarmos melhor a presença do verbo pôr (*stellen*) nesse termo que define a *Essência* da técnica.

O pôr de *com-posição* (*Gestell*), tem sua gênese no dis-*por* explorador da técnica moderna que desencobre o real como dis-posição. Mas também o pro-*por* produtivo da

poiésis carrega o verbo *stellen* em sua origem. As duas formas de desencobrimento são fundamentalmente diferentes; são modos distintos de pôr o real em funcionamento, mas que, apesar disso, guardam esse parentesco de essência. Nesse sentido, enquanto a *produção* (*poiésis*) é um modo de realização de realidade caracterizado por um *deixar-viger* essencial, a *Gestell* é uma forma de desencobrimento que *pré-põe*, isto é, que põe antecipadamente, desde uma outra força de reunião (*Ge*), aquilo que se realiza. Enquanto a produção exige escuta e comedimento, numa espécie de sintonia, ou seja, mesmo tonus, tom (força) e sincronia, isto é, mesmo ritmo, cadência, pulso (tempo) com aquilo que se realiza, a provocação da *com-posição* requer e intima que tudo se realize desde um certo modo, a partir do seu modo, desde o que está pré-posto.

Assim apropriada, o *Ge-stell* evoca por seu prefixo *Ge* uma força de reunião, ao mesmo tempo em que, por seu radical *stellen* (colocar), [pôr] evoca todas as operações que podem designar em alemão os verbos que comportam este radical: pôr em evidência, representar, encurralar, cometer, intimidar, interpelar (Dreyfus, *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 69).

Sendo assim, a *com-posição* não tem absolutamente nada de técnico, no sentido de ser um simples meio, pois se trata de uma atividade completamente interessada, isto é, constitui-se como um fazer que descobre o real de uma determinada maneira, e não de outra. Esse modo de desvelamento faz vir a ser o que se realiza na *dis-posição* antecipada; de alguma maneira prepara de antemão, define e conforma o real no horizonte do que está pré-configuradamente sempre *dis-ponível*. O agir da tecnologia é, desse modo, um operar no qual sempre se realiza a ordenação, organização e *dis-posição* prévias da realidade, para que, assim, toda e qualquer experiência se ofereça sempre da mesma forma, independentemente do contexto, ou de quem a realiza. Isto é, o modo de ser dessa forma de desvelamento de mundo *pré-põe* o real, na perspectiva do controle, do apoderamento e da previsão dos resultados.

O PERIGO DA TECNOLOGIA

Para Heidegger, o risco da tecnologia reside no fato de que, no desvelamento provocador da *com-posição*, os entes são convocados a um desencobrimento particular, desde o qual se realizam como *dis-ponibilidade*. Como a tradução de *Gestell* por *armação* sugere, esse desvelamento é, não somente uma estrutura que serve como base para um certo vigor de aparecimento, como também tem a conotação de truque do homem que quer total domínio e controle sobre a existência. E o perigo é deixar de tomar e considerar a armação enquanto tal; a ameaça que se anuncia é o homem perder a capacidade de ver o modo de funcionamento do esquema e compreendê-lo como algo muito óbvio e até mesmo natural, como se não pudesse ser de outra maneira.

O problema é que, no quase monopólio da técnica moderna e de seu *modo de ser* e de intimar o real, estão faltando ocasião e oportunidade para outras formas de desvelamento da realidade. O grande risco, denunciado por Heidegger, é que, na atualidade, a ação da tecnologia tende a ser concebida, não apenas como uma das possibilidades de desencobrimento do real, mas como a única maneira necessária ou mesmo possível de desvelamento dos entes e de produção da verdade. “A técnica não é perigosa. Não há uma demonia técnica. O que há é o mistério de sua essência. Sendo

um envio de descobrimento, a essência da técnica é o perigo” (HEIDEGGER, 2010a, p. 30).

Vimos que a *Essência* da técnica moderna é *com-posição* (*Gestell*). Desde esse modo de descobrimento, tudo deve ser pré-compreendido e posto antecipadamente na perspectiva da dominação e do controle. Sendo assim, acaba por escapar completamente ao homem uma relação mais arcaica com aquilo que se realiza.

A ameaça verdadeira já atingiu o homem em seu ser. O reino do *Ges-tell* nos ameaça com a eventualidade que ao homem possa ser negado retornar a um desvelamento mais original e de compreender assim o apelo de uma verdade mais inicial [...] Por isso, aí onde domina o *Gestell*, há perigo no sentido mais elevado (Heidegger, *Apud* OLIVEIRA, 2006, p. 70).

Mas antes de caracterizar propriamente o que seria essa relação mais originária, velada pelo modo de descobrimento da técnica moderna, convém dar um passo atrás para melhor compreender e onde vem essa contundente crítica ao encaminhamento desde com-posição. Conforme indicamos anteriormente, a *Gestell*, como essência da técnica moderna conduz o homem, em escala planetária, ao caminho de um descobrimento específico, no qual os entes se revelam enquanto disponibilidade. Levar por um caminho, guiar, conduzir, seduzir, impelir de um certo modo, constrói um encaminhamento. E é isso que é realizado pela com-posição: a condução da técnica produz destino. “Pôr a caminho significa destinar. Por isso, denominamos de destino a força de reunião encaminhadora, que põe o homem a caminho de um descobrimento. É pelo *destino* que se determina a essência de toda história (HEIDEGGER, 2010a, p. 27).

História, nesse sentido, está querendo indicar algo bastante distinto de historiografia. “A representação historiográfica toma a história como um objeto em que algo se passa e ao mesmo tempo vai desaparecendo em sua transitoriedade” (HEIDEGGER, 2010b, p.41). Sendo assim, para a historiografia, a história é a sucessão objetiva de fatos e eventos de interesse da ciência histórica como guerras, eleições ou o desenvolvimento e as alterações nos modos de produção e organização econômica e social, que já tendo se encerrado, podem se tornar objeto de estudo. Ao contrário da historicidade que entifica os eventos e objetiva a realidade, a história, no horizonte heideggeriano, indica a dinâmica originária, o movimento em que vida se faz vida; é justamente o acontecer, ou num neologismo gaiato, a acontecência. Esse acontecer realiza destino, isto é, produz um encaminhamento.

“Destino, nesse sentido, é também a produção da *poiésis*” (HEIDEGGER, 2010a, p. 27). Isso significa que, em se fazendo, vida também conduz a si própria do não-vigente ao vigente, do que ainda não é, a uma determinada presentificação. Nesse movimento de auto-realização o acontecer gera destino, produz sentido, dá origem a história. Desse modo, o destino conduz o homem em seu ser, isto é, como todos os outros entes, o homem também se realiza a partir da mesma dinâmica.

A essência da técnica moderna repousa na com-posição. Sua regência é parte do destino. Posto pelo destino num caminho de descobrimento, o homem, sempre a caminho, caminha continuamente à beira de uma possibilidade: a possibilidade de seguir e favorecer apenas o que des-encobre na dis-posição e de tirar daí todos os seus parâmetros e medidas. Assim, tranca-se uma outra possibilidade: a possibilidade de o homem empenhar-se, antes de tudo e sempre mais e num modo cada vez mais

originário, pela essência do que se des-encobre e seu desencobrimento, com a finalidade de assumir, como sua própria essência, a pertença encarecida ao desencobrimento (HEIDEGGER, 2010a, p. 28-29).

São duas possibilidades radicalmente distintas. Na primeira, o modo de desvelamento da técnica que a tudo desencobre, como dis-posição, transforma-se na única régua de medida para o que se realiza. Dessa forma, tudo aquilo que não se enquadra nesse modelo, simplesmente perde direito à existência. Não que o homem tenha o poder e o controle sobre todos os modos de desvelamento. Muito menos se quer afirmar que a passagem da não-vigência para a vigência seja uma atividade que sempre dependesse da autorização do homem para se realizar como produção. Perder o direito a existência está aqui querendo dizer que, se seguir ou favorecer apenas o encaminhamento da técnica moderna, o homem terá que tomar como falso, isto é, não-verdadeiro, toda a manifestação que não puder ser objetivável, pré-posta e pré-compreendida antecipadamente.

Quem só vê e olha para o feito, e mais que isso, quem se compreende como a instância para a qual tudo o que é se realiza, perde a capacidade de enxergar a força de realização do que se desencobre. Perde a segunda possibilidade, anunciada na última citação, que é a de se ocupar, com mais atenção e serenidade, pela força de realização (Wesen) do que se presentifica. Esse é o risco da onipresença da Gestell: no império da técnica moderna, o homem, cada vez mais, perde a capacidade de se perceber como um ente entre todos os entes. É verdade que trata-se de um ente bem diferente dos demais, já que ele é o lugar de realização de desencobrimento. O homem é o espaço de articulação (Da-) da verdade do Ser (Sein). Mas isso não significa, de modo algum, que ele não pertence ao desencobrir. “ [...] a técnica moderna representa [perigo] não para esse ou para aquele povo ou classe, para esse ou aquele ecossistema ou mesmo para a humanidade como gênero, mas para a própria essência do ser humano” (LOPARIC, 2004, p. 21). A questão destacada por Heidegger é que na *com-posição* o homem se compreende e se coloca como um ente cuja existência é fora e anterior a todo desvelamento, visto que tem a pretensão de ser o senhor ou o controlador do que se realiza.

E é justamente esse homem assim ameaçado que se alardeia na figura do senhor da terra. Cresce a aparência de que tudo que nos vem ao encontro só existe à medida que é um feito do homem. Esta aparência faz prosperar uma derradeira ilusão, segundo a qual, em toda parte, o homem só se encontra consigo mesmo (HEIDEGGER, 2010a, p. 29).

É esse o risco que a técnica moderna representa. Ela pode criar o ambiente ideal para o desenvolvimento de um homem fechado em si mesmo, que é incapaz de se ver como parte do destino. Encarcerado em si, esse homem passa a se compreender, não somente como o único responsável por tudo aquilo que existe, mas também se vê como o agente de sua própria conformação e configuração. Tudo o que aparece, passa, então, a aparecer como um feito do homem, não somente no sentido de ter se tornado presente, pelas suas mãos, como também se presentificou em uma vigência determinada pela razão humana. E, dessa maneira, “O deserto cresce: ai daquele que encobre desertos!” (NIETZSCHE, Assim falou Zarathustra, IV, “As filhas do deserto”). Deserto, nessa metáfora, quer dizer justamente solo pobre, infértil, cujos frutos são murchos e sem nenhum viço ou frescura. A desertificação se espalha e toma conta de

nós como destino. Não pode haver fecundidade e jovialidade em um terreno em que reina apenas o desencobrimento no horizonte da previsibilidade e do assenhramento. Também fica negada a possibilidade de o real provocar espanto, reduzindo-se a sua determinação objetiva.

Desertificação não é uma questão de erosão, nem de guerras mundiais, mas, paradoxalmente, o banimento da necessidade, mais precisamente, do caráter questionável da vida humana. Esse banimento atinge, em particular, a recordação. Ao perder o seu *habitat*, o homem perde a natureza e a tradição e, assim, o seu passado o seu ter-sido, o *seu* tempo. Dessa forma, ele perde a si mesmo. Desertificação é o nome nietzschiano para a objetificação terminal (LOPARIC, 2004, p. 28).

A *Gestell* permite que o homem realize um modo de presentificação dos entes bastante eficiente, na perspectiva do apoderamento e da vontade de estar sempre seguro. Além disso, seu desvelamento é sempre extremamente útil e correto, na medida em que todo o real se apresenta à luz de causa para um determinado efeito e, assim, pode servir as mais variadas aplicações de maneira adequada aos propósitos e projetos humanos. Só que apesar de correto, o desencobrimento da dis-posição pode trancar ao homem a dimensão da verdade.

Do mesmo modo, em que a natureza, expondo-se, como um sistema operativo e calculável de forças pode proporcionar constatações corretas mas é justamente por tais resultados que o desencobrimento pode tornar-se o perigo de o verdadeiro se retirar do correto (HEIDEGGER, 2010a, p. 29).

Isso quer dizer que, justamente por sempre “dar certo”, ou seja, exatamente por ser um desvelamento que cumpre ajustadamente com o objetivo de provocar a natureza como sistema calculável e previsível de forças, que o modo de ser da técnica moderna pode deixar escapar a verdade. Em Heidegger, o que é correto tem uma natureza bem diferente do que é verdadeiro. Para o filósofo, o correto reside na dimensão da exatidão, da adequação e correspondência de uma sentença ao referente, isto é, da representação ao objeto. Essa compreensão da verdade produz o que anteriormente chamamos de deserto, onde novas possibilidades de desencobrimento dos entes ficam vedadas. Com base no parágrafo 44 de *Ser e Tempo*, o professor Fernando Pessoa descreve os três pressupostos da verdade, como correção, que vão nos ajudar a entender porque essa perspectiva resulta em frutos sem frescor:

Três teses caracterizam a compreensão tradicional da verdade, compondo a definição metafísica de sua essência: 1. A verdade é a adequação do intelecto à coisa (e/ou da coisa ao intelecto); 2. A proposição (o juízo) é o “lugar da verdade”; 3. A verdade exclui de si o seu contrário, a não verdade (PESSOA, 2003, p. 87).

Fica, assim, bem claro que a verdade como adequação é uma concepção judicativa da verdade. Nesse viés, é o intelecto, ou seja, é a razão humana que constitui-se como a instância, não somente de elaboração, como também de verificação da verdade. Também é preciso notar que a compreensão de que a verdade exclui de sua natureza a não-verdade, representa uma substancialização, uma objetivação de todo o real. Verdade passa a ser algo estanque e plenamente apreensível pelo juízo, que pode, de forma clara e distinta, definir suas bordas e limites. Essa terceira tese é, a bem dizer, apenas a consequência das duas anteriores. Se a verdade é uma adequação do intelecto à coisa e, a proposição é o lugar da verdade, torna-se possível a “revelação”/confecção de uma verdade que exclui de si a não-verdade.

Mas há de se acrescentar um importante aspecto da compreensão técnico-científica do funcionamento da verdade. Quando a verificação é dada como correta, isto é, adequada e aceita como verdadeira, a proposição não é entendida simplesmente como mera representação ou imagem da coisa, mas como sua legítima substituta. Por isso ela pode assumir o caráter de um “assim como”:

Cumprindo a verificação, o conhecimento remete unicamente ao próprio ente. É sobre ele próprio que reincide a confirmação. O próprio ente visado mostra-se assim como ele é em si mesmo, ou seja, que, em si mesmo, ele é assim como se mostra e descobre sendo na proposição [...] Confirmar significa: que o ente se mostra em si mesmo. [...] A proposição é verdadeira significa: ela descobre o ente em si mesmo. Ela propõe, indica, “deixa ver” o ente em seu ser e estar descoberto (HEIDEGGER, 2005, p. 286).

Por outro lado, o verdadeiro, no horizonte heideggeriano, não é o correto, mas reside na esfera da alétheia, ou seja, é desencobrimento (*Unverborgenheit*). Verdade, então, é uma dinâmica de realização que inclui o aparecer, mas também o velamento, o que se retrai, em toda e qualquer presentificação, a saber, a sua força de realização. Com efeito, a verdade é uma espécie de arrancar, de aflorar, um dar-se algo, sempre ao modo do desencobrimento. Verdade, como alétheia, é o resultado não da capacidade da razão humana, mas faz parte da essência do próprio Ser constituindo-se como um modo como irrompe a *physis*, o vigor dominante do que surge de si mesmo.

Ao contrário do que entende a metafísica, a *alétheia*, *Unverborgenheit*, desencobrimento, antes de ocorrer como uma adequação correta do juízo à coisa, consiste na experiência de descoberta original que mostra o sentido de ser que estava oculto, latente, na aparência dos entes (PESSOA, 2003, p. 86).

Sendo assim, a verdade não pertence, nem poderia pertencer ao homem. E até mesmo ele, como ente que é, não é e nem pode ser o condutor ou o juiz desse processo, pois também se articula desde alétheia. Ontologicamente, o homem não pode ser anterior a verdade como a perspectiva que identifica o seu intelecto, como o lugar da produção e verificação da verdade, quer nos fazer crer. A verdade é sempre primeiro, é sempre mais arcaica que qualquer manifestação entificada da realidade. Verdade aqui é Essência (*Wesen*), o modo de ser desde o qual se desencobre aquilo que vige. “A verdade (descoberta) deve sempre ser arrancada primeiramente dos entes. O ente é retirado do velamento. A descoberta em seu fato é, ao mesmo tempo, um roubo” (HEIDEGGER, 2005, p. 291).

É a verdade, como alétheia que a técnica moderna, baseada na adequação/conformação, pode fazer sucumbir. Não que ela tenha o poder de impedir que a dinâmica de realização da realidade se efetive, já que o desencobrimento não pertence ao homem. Todavia a onipresença da com-posição como destino desvia o homem da real gênese de toda presentificação, promovendo o seu despertencimento. Nesse processo o homem não somente se compreende como sendo um ente cuja existência se dá fora de desencobrimento, como também se eleva a categoria de causa do real. Sendo assim, a pro-vocação exploradora dos entes, como dis-ponibilidade, dissimula, não somente outros modos de desencobrimento, como também, e de maneira mais devastadora, oculta o próprio desencobrimento.

A composição encobre, sobretudo, o desencobrimento, que, no sentido da *poiésis*, deixa o real emergir para aparecer em seu ser. Ao invés, o pôr da exploração impele a referência contrária com o que é e está sendo. Onde reina a com-posição, é o direcionamento e asseguramento da dis-ponibilidade que marcam todo o desencobrimento. Já não deixam surgir e aparecer o desencobrimento em si mesmo, traço essencial da dis-ponibilidade (HEIDEGGER, 2010a, p. 30).

O destino, isto é, o acontecer de vida no encaminhamento da *com-posição* é o perigo extremo apontado por Heidegger. Esse envio se manifesta, na atualidade, de forma mais plena e evidente, na tecnologia, presente em todas as partes e em cada uma das esferas da atividade humana. Como vimos, a técnica moderna, e seu modo de desvelamento, estão presentes nas ciências e na arte. Até mesmo Deus, pode perder, nessa representação, o mistério de sua transcendência, manifestando-se como um objeto sobre o qual se pode predicar inúmeras qualidades, como parece ser o caso da tarefa executada pela teologia. “À luz da causalidade, Deus pode degradar-se a ser uma causa, a *causa efficiens*” (HEIDEGGER, 2010a, p. 29). Desse modo, a ameaça que a técnica moderna representa, reforçamos, não se baseia, diretamente, nas ferramentas e dispositivos tecnológicos, mas se:

Assenta no fato de estar em curso há alguns séculos uma reviravolta de todas as representações dominantes. O Homem é, assim, transposto para uma outra realidade. Esta revolução radical da visão do mundo é consumada na filosofia moderna. Daí resulta uma posição totalmente nova do Homem no mundo e em relação ao mundo. O mundo aparece agora como um objeto sobre o qual o pensamento que calcula investe, nada mais devendo poder resistir aos seus ataques (HEIDEGGER, s/d., p. 18-19).

O que se chamou de visão do mundo, na citação anterior, não deve ser compreendido como sendo a perspectiva de uma subjetividade particular. Não é uma maneira específica de compreender o mundo, se entendermos com isso uma forma na qual pessoas singulares concebem a realidade, na razão. Isso porque o encaminhamento da *com-posição* não é o resultado da escolha pessoal de alguém, nem mesmo de grupos, muito menos pode ser decidido pelo intelecto humano, mas representa uma forma de *essencialização*, um *modo de ser* de desencobrimento de realidade que produz destino. É verdade que a técnica moderna é o resultado de uma certa postura do homem frente ao mundo, na qual tudo deve ser medido e articulado a partir do horizonte da dis-ponibilidade. Entretanto esse encaminhamento é fruto de uma época, é produto de história. No nosso tempo, parece que nada mais consegue resistir aos ataques do pensamento calculador, no qual tudo que existe, só existe a medida em que posso contar/calcular.

No entanto, aquilo que é verdadeiramente inquietante não é o fato de o mundo se tornar cada vez mais técnico. Muito mais inquietante é o fato de o Homem não estar preparado para esta transformação do mundo, é o fato de nós ainda não conseguirmos, através do pensamento que medita, lidar adequadamente com aquilo que, nesta era, está realmente a emergir (HEIDEGGER, s/d., p. 21).

Lidar adequadamente com o que está realmente a emergir em nossa época significa lidar com o *modo de ser* desde *composição*. É pensar o sentido desse encaminhamento que, não somente dificulta a efetivação de outros modos de desencobrimento, como também esconde o próprio desvelamento, como força de realização do real, para colocar o homem em seu lugar como “agente responsável”

pela efetivação do mundo como objetividade. Nesse horizonte, como consequência, a verdade é judicativa, é adequação, e seu lugar de realização é a proposição do “sujeito”. Sem acesso à compreensão de que a gênese de tudo aquilo que se realiza, isto é, de tudo que se efetiva de uma determinada maneira, é desencobrimento, um modo mais originário de relacionamento com mundo fica vedado ao homem. A experiência de uma verdade mais inaugural e que nada tem a ver com conformação/adequação também pode estar inviabilizada.

Mas para Heidegger nem tudo está perdido. “Ao invés, a essência da técnica há de guardar em si a medrança do que salva”. Evocando alguns versos do poeta Hölderlin, o filósofo afirma que: “Ora, onde mora o perigo/ é lá que também cresce/ o que salva” (HEIDEGGER 2010a, p. 31). Com essas palavras, quer indicar que a técnica é um grande perigo, mas também carrega o germe de sua própria contestação e questionamento. Isso porque toda e qualquer forma de desencobrimento, por mais ameaçadora que seja, guarda em si mesma, o brilho de uma produção, isto é, o vigor de um acontecimento, que cria destino. Seja no des-encobrir-se produtor ou no des-velar-se explorador da técnica moderna, há sempre ao menos uma insinuação de origem, um aceno da força que realiza a presentificação.

E é justamente nesse aceno que está o que salva, pois nele reside a possibilidade de se experimentar a força de nascimento. Nas palavras de Hölderlin, salvar significa “chegar a essência, a fim de fazê-la aparecer em seu próprio brilho” (HEIDEGGER 2010a, p. 31). Desse modo, o vigor da técnica moderna guarda em si mesmo uma saída, um caminho para a sua compreensão. O brilho de composição é o desvelar desde disponibilidade. Ao mesmo tempo em que o desencobrimento como tal é ocultado, ele tem o poder de revelar sua forma de apropriação. Isso significa que, apesar de representar uma grande ameaça, o domínio da tecnologia não tem o poder de ocultar por completo a sua realização.

Todo destino de um envio acontece, em sua propriedade, a partir de um conceder e como um conceder. Pois é a concessão que acarreta para o homem ter parte no desencobrimento, parte esta de que carece a aproximação do desencobrimento. Por ser assim encarecido, o homem se acha apropriado pela apropriação da verdade. A apropriação, que envia para o desencobrimento de uma maneira ou de outra, é o que salva, enquanto tal. Pois é o que salva que leva o homem a perceber e a entrar na mais alta dignidade de sua essência (HEIDEGGER 2010a, p. 34).

Cabe a investigação filosófica, que pensa o sentido do que emerge, numa apropriação, perceber o que vige na técnica. Pensar a técnica é, pois, compreender a sua *Essência* e não descrever suas diversas aplicações ou se perder na discussão sobre as vantagens e os inconvenientes do uso das tecnologias nas sociedades contemporâneas. As pesquisas sociológicas e instrumentais da técnica parecem se perder numa espécie de maravilhamento dos avanços e desenvolvimentos de máquinas e aparelhos ou na denúncia de seus perigos. Como centram a investigação nesses dispositivos e concebem a técnica como atividade humana que é meio para um determinado fim, esses horizontes de análise procuram encontrar formas de dominar a técnica, para afastar seu risco, sem ao menos conhecer, verdadeiramente, seu modo de funcionamento. Na preocupação de dominar e controlar os efeitos dos dispositivos técnicos, a compreensão instrumental da tecnologia já é o resultado do modo de

funcionamento da própria tecnologia. Isto é, são horizontes técnicos, compreensões da tecnologia que já operam desde o encaminhamento da técnica.

Heidegger desloca completamente o problema de lugar e volta todos os seus esforços na investigação, não aos produtos tecnológicos, mas em direção à *Essência* da técnica moderna. Ele parte da análise da instrumentalidade, questionando seu direito a existência, e descobre sua íntima ligação com a causalidade. Desse modo, revela a maneira, o encaminhamento, a partir do qual, a técnica moderna conduz do não-vigente ao vigente. A ideia é pensar o sentido da técnica, fazer justamente a experiência do *modo de ser* da tecnologia como destino de um desencobrimento.

Se olharmos dentro da essência ambígua da técnica, veremos uma constelação, o percurso do mistério. A questão da técnica é a questão em que acontece, em sua propriedade, em seu desencobrimento e encobrimento, a vigência da verdade (HEIDEGGER 2010a, p. 35).

É na verdade como *alétheia*, isto é, como desencobrimento que se localiza a ambiguidade da *Essência* da técnica moderna. Somente se conseguir visualizar a dinâmica de presentificação e efetivação de realidade o homem terá acesso a algum tipo de relacionamento com a verdade inaugural. O problema é que, ao desvelar os entes como dis-ponibilidade, a *com-posição* encobre justamente o próprio desencobrimento, o que, em grande medida, veda essa oportunidade. Mas, como verdade é *alétheia*, mesmo na *com-posição* existe a possibilidade de se compreender a gênese desse movimento. Enquanto modo de realização de real, também a *Gestell* vige na concessão que abre ao homem a oportunidade e a ocasião de “olhar” e entender origem.

De um lado, a *com-posição* impele à fúria do dis-por que destrói toda visão do que o desencobrimento faz acontecer de próprio e, assim, em princípio, põe em perigo qualquer relacionamento com a essência da verdade. De outro lado, a *com-posição* se dá, por sua vez, em sua propriedade na concessão que deixa o homem continuar a ser – até agora sem experiência nenhuma mas talvez no porvir com mais experiência – o encarecido pela veri-ficação da essência da verdade. Nestas condições é que surge e aparece a aurora do que salva (HEIDEGGER 2010a, p. 35).

Nessa direção, a própria técnica moderna, na medida em que for percebida em sua dinâmica de realização e desencobrimento, pode ser um caminho que permite uma relação mais originária com a realidade. Nessa outra relação, possível somente ao homem que se ocupa de meditar o sentido da técnica, o esforço não é exercido para que se possa dominar o que se revela, mas sim, para que se consiga uma aplicação total ao que se des-encobre e ao seu desencobrimento. O problema é que esse tipo de relacionamento essencial com o real só pode ser realizado quando o homem deixa de se impor como “sujeito” para voltar-se, e orientar-se para a coisa mesma. É quando ele se põe de modo tal, que o objetivo maior não é prever ou controlar, mas guardar e resguardar o sentido daquilo que se realiza. Precisa ser um andar comedido, ajustado e compassado com o próprio real; uma postura, uma atitude, um modo de ser em que o homem se propõe a pensar junto da coisa, e a ficar à espera do inesperado, porque quer experimentar a tensão de participação de gênese.

Nesse outro encaminhamento, se efetiva uma total entrega, um não-fazer de raríssima atividade. É uma escuta, uma concessão, uma orientação na qual o homem vivencia o abandonar-se, um deixar-se à mercê da experiência, que permite que ele

seja completamente tomado pelo sentido que se apresenta. É por meio de um súbito salto que se vivencia a possibilidade, desde e na dimensão da “própria coisa”. Algo bem distinto de uma relação na qual o poder de determinar o destino e a verdade do mundo é um “direito” do homem. Quando se permite essa experiência de gênese, cabe ao ser humano um estado de concentração máxima, só que não em si mesmo, mas na realidade.

Por isso, talvez seja melhor que ele esteja distraído: para que vida se faça vida, a partir de si mesma, e para que a subjetividade provocadora perca seu lugar. Essa é a forma na qual o homem pode participar do envio, da gênese da realidade se fazendo desde si. E, assim, ganha-se a dimensão de que o próprio ser humano não pode ser algo que pré-exista ou que subsista à experiência, mas que também se faz todo nisso e com isso. É claro que essa experiência é muito mais difícil e arriscada que a ação da tecnologia. Nela, certeza e previsibilidade não são mais a boa medida do sucesso; ela exige serenidade. Ao contrário da disposição que pré-determina homem e mundo, a relação arcaica com o real exige muito mais esforço e coragem de quem se propõe a vivenciá-la.

Fica assim indicado o que se quer dizer com *verdade inaugural e relação originária com aquilo que se efetiva*. Trata-se sobretudo de uma tarefa que precisa executar a superação da metafísica. O mais urgente dessa empreitada é pensar propriamente o sentido da técnica moderna, para, dessa maneira, compreendê-la em sua dinâmica de realização e desencobrimento. É possível, e necessário, ver na *armação*, um truque, e na aparente obviedade e naturalidade com que se determina objetivamente a realidade, apenas um destino de nossa época.

O destino ao qual o homem é enviado pelo Ges-tell não determina, então, uma tragédia necessária [...] desde que se saiba considerar como tarefa a dissolução desses modos de objetivação e disponibilidade que marcam a essência moderna da técnica. A técnica, enquanto desveladora dos entes, em nada representaria mais uma ameaça se deixasse permanecer em questão aquilo que a todo ente precede e origina, ou seja, se a técnica não ofuscar e ocupar toda a atenção humana com suas realizações, deixando o homem lembrar-se que é, também, ente entre outros entes (OLIVEIRA, 2006, p. 71).

Ver o perigo e perceber o crescimento do que salva: uma tarefa e tanto que passa pela desconstrução da técnica moderna. O *vigor* da tecnologia ameaça o desencobrimento, na medida em que se coloca como o único modo válido de desvelamento, além de ocultar o fato de ser, ele também, uma forma de se desencobrir a realidade. Mas o curioso é que a técnica moderna também pode ser um caminho para a compreensão daquilo que, ontologicamente, é sempre anterior a qualquer que seja o desencobrimento: a verdade como *alétheia*.

BIBLIOGRAFIA

- FOGEL, Gilvan. “Do ‘coração-máquina’ – Ensaio de aproximação à questão da tecnologia”. In: **Da Solidão Perfeita: escritos de filosofia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 91 - 130.
- HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Tradução: Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.
- _____. “A questão da técnica”. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão. In: **Ensaio e Conferências**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, p. 11-38, 2010a.
- _____. “Ciência e pensamento do sentido”. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão. In: **Ensaio e Conferências**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 39-60, 2010b.
- _____. *Ser e Tempo*. Parte I. 14a. ed. Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- LOPARIC, Zeljko. **Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. 17a. ed. Tradução: Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- OLIVEIRA, Rubem Mendes de. **A questão da técnica em Spengler e Heidegger**. Belo Horizonte: Argumentum: Tessitura, 2006.
- PESSOA, Fernando Mendes. **O assunto e o caminho do pensamento de Heidegger**. Vitória: Edufes, 2003.